

Nuno Crato. Ensino à distância pode ser positivo, mas apenas como complemento

O antigo ministro da Educação considera que o ensino à distância pode servir de complemento ao ensino presencial e destaca a importância da avaliação.

Lusa · 24 de Junho de 2020, 8:04



O antigo ministro da Educação Nuno Crato NUNO FERREIRA SANTOS

O antigo ministro da Educação Nuno Crato reconheceu que o regime de ensino a distância pode ser positivo, mas apenas se servir como um complemento ao ensino presencial, que disse ser aquele que funciona melhor.

Em entrevista à agência Lusa, Nuno Crato considerou que o recurso a alguns dos modelos de trabalho que marcaram o 3.º período lectivo pode ter “bons resultados”,

sublinhando, no entanto, que isso deve acontecer sob uma lógica de interacção com o presencial.

“É bom que essa interacção seja muito bem estruturada”, defendeu, referindo a necessidade de definir os mesmos objectivos para os dois regimes e que essas metas sejam claras.

Nos últimos três meses, o ensino foi obrigado a afastar-se do espaço físico das escolas e passou a fazer-se à distância, sobretudo através de meios digitais, depois de o Governo ter suspenso todas as actividades lectivas presenciais, a 16 de Março, devido à pandemia da covid-19.

Para o antigo ministro da Educação (2011-2015), que actualmente lidera o projecto *Teresa e Alexandre Soares dos Santos - Iniciativa Educação*, este período tornou claro que o ensino presencial “é, sem dúvida, a melhor forma de funcionar”.

“Além da dinâmica do trabalho presencial e da relação que se estabelece entre professor e alunos, elementos que considera essenciais no bom ensino”, Nuno Crato acredita que a prevalência deste modelo é uma opinião partilhada por todos e que o sentimento generalizado, ao longo do 3.º período, foi o de nostalgia em relação ao espaço físico escola.”

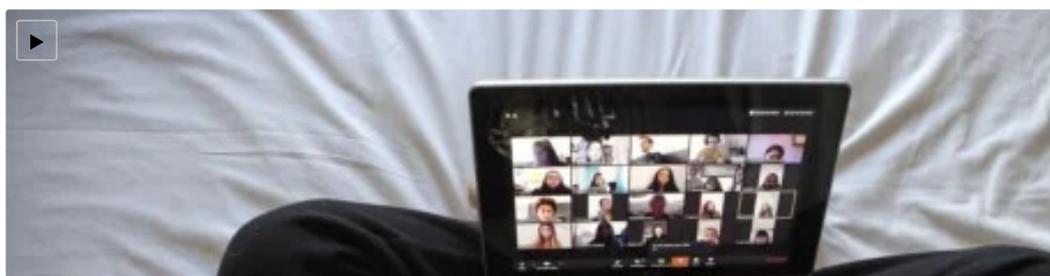
“Nós temos saudades de salas de aula, onde possamos estar a falar directamente com os alunos, onde possamos ver por que é que os alunos estão preocupados, se estão a seguir as coisas, onde possamos manter

um diálogo, onde possamos ir acompanhando as dificuldades. Temos saudades disso”, afirmou.

Nuno Crato não arriscou fazer previsões sobre como vai decorrer o próximo ano lectivo, mas disse acreditar que se em Setembro a situação epidemiológica no país não permitir que o ensino retome a normalidade, os alunos vão estar mais bem preparados para trabalhar com as ferramentas digitais.

“Acho que isso é uma coisa que as gerações adquirem com facilidade, e que ficou demonstrado durante este período que todos nós conseguimos rapidamente dominar instrumentos que são necessários para isso”, considerou.

A literacia digital é, aliás, uma competência que o antigo ministro considerou importante valorizar, mas sublinhou que a aprendizagem desses conteúdos deve ser feita no decorrer do ensino, sem prejuízo do conhecimento.



E é a partir do conhecimento que se constrói um bom currículo, um dos princípios que define aquilo que o antigo ministro disse ser o bom ensino.

O bom currículo, acrescentou, deve ser acompanhado de objectivos claros e

interacção e, finalmente, é preciso perguntar e avaliar”, sublinha.

A avaliação foi um dos temas que mais marcou o 3.º período lectivo, uma vez que, do lado da avaliação externa, o Ministério da Educação decidiu suspender todas as provas finais e exames nacionais do ensino básico e que as decisões sobre a avaliação interna foram passadas às escolas.

Nuno Crato absteve-se de comentar as decisões tanto da tutela como dos professores que optaram por não avaliar as matérias leccionadas em regime de ensino à distância, admitindo que o contexto é complexo, embora sublinhando que avaliar é essencial.

“Agora estamos num momento muito especial, mas o que é importante é que se perceba isto: Há um momento especial, ok, vamos voltar à normalidade. E a normalidade deve incluir o que o bom ensino inclui”, afirmou, referindo a avaliação dos alunos.

No tempo em que esteve à frente do Ministério da Educação, Nuno Crato foi responsável pela introdução dos exames do 4.º ano, em 2013, entretanto extintos pelo actual ministro, Tiago Brandão Rodrigues, logo em 2015.

Agora, o antigo ministro continua a defender a avaliação em geral, que entende ser essencial para os professores acompanharem o progresso dos alunos e para os próprios alunos perceberem em que matérias precisam de melhorar, mas

também a avaliação externa, em particular, que disse introduzir uma maior equidade no sistema.

“A pessoa verificar-se a si própria é um incentivo a melhorar e eu acho que a avaliação deve ser vista nesse sentido. Acho que a avaliação é um incentivo a todos nós melhorarmos”, sublinhou, recusando que o contexto actual sirva de pretexto para repensar e desvalorizar este elemento.

SUBSCREVA A NOSSA NEWSLETTER PGLOBAL

SEMANALMENTE

Newsletter da diáspora, com a assinatura de Leonete Botelho.

Subscrever

- Tomei conhecimento que as newsletter editoriais poderão conter publicidade.** OBRIGATÓRIO
- Receba informações sobre ofertas, passatempos, campanhas especiais e eventos exclusivos do Público.
[SABER MAIS](#)

O QUE PRECISA DE SABER
CORNAVÍRUS

 **Receba as
nossas
notificações e**
seja o primeiro
a saber.

[Descarregue](#)
a nossa app

A verdade faz-nos mais fortes

Das guerras aos desastres ambientais, da economia às ameaças epidémicas, quando os dias são de incerteza, o jornalismo do Público torna-se o porto de abrigo para os portugueses que querem pensar melhor. Juntos vemos melhor. Dê força à informação responsável que o ajuda entender o mundo. a